



Mário Abrantes
mariowabrantes@hotmail.com

Verde



O drama da delapidação ininterrupta do património natural do planeta, a depredação dos recursos e o crescimento económico não sustentável aliado à intensificação da exploração dos solos, da água e do trabalho humano, provocaram como consequência um movimento em defesa do ambiente à escala mundial onde a juventude marca presença determinante e cujo desenvolvimento se assume como cada vez mais necessário e urgente pois em última análise é da própria sobrevivência da espécie humana na Terra que estare-

mos a falar.

Mas também se vai tornando mais evidente que, à boleia do carácter generalizado e urgente que vai assumindo a luta efetiva contra a catástrofe ambiental nos quatro cantos do planeta, embarca (com forte componente mediática) muito oportunismo e instrumentalização políticos, muito vedetismo e muita manipulação ideológica, abusando particularmente da generosidade da juventude, confundindo, esclarecendo pouco e assustando muito, e tendo por trás grandes interesses económicos, novas oportunidades de negócio (caso da bolsa de CO₂) e novas formas de exploração humana e neocolonial.

Torna-se necessária menos propaganda e mais informação objetiva e cientificamente credível sobre a degradação ambiental. Não duvidando das boas intenções com que foi tomada, não me parece, no entanto, que se enquadra neste espírito a decisão do reitor da Universidade de Coimbra de proibir o consumo de carne de vaca. Mais precipitada ainda tal decisão se tornou quando a própria condição científica do decisor o responsabiliza muito mais pelas suas opções e o deveria ter levado a ponderar melhor sobre elas. Como está cientificamente demonstrado, a produção de carne pode ser fonte de rendimentos para as famílias e ser simultaneamente “verde” (de reduzida pegada ambiental) desde que as raças apuradas, o encabeçamento, a dimensão e o tipo de explorações, as medidas ambientais complementares e o apoio técnico sejam os mais adequados. Ao contrário de outros pontos do mundo onde a produção é intensiva e em grande escala, com considerável impacto ambiental negativo, nos Açores isso em geral não acontece, particularmente devido ao pastoreio ao ar livre durante todo o ano. E se o aumento da dimensão das explorações na Região gerou algum desequilíbrio momentâneo de fácil correção, quando acompanhado de ações de florestação nas áreas agrícolas entretanto libertas, o certo é que no caso destas ilhas a procura da sustentabilidade ambiental com o empenhamento dos próprios produtores é uma realidade, não colocando em perigo sério a sua sobrevivência e bem-estar social e das suas famílias, coisa que a decisão do reitor de Coimbra de forma nenhuma salvaguarda. Determinante para a degradação ambiental não é a carne de vaca, portanto, mas sim o seu modo de produção.

Se “Verde” significa a luta contra a degradação ambiental e as consequências das alterações climáticas, deve significar também a luta pela sustentabilidade social e a luta contra a potencial catástrofe nuclear. Isto bem sabem aqueles que, como o PEV, parceiro do PCP na CDU, têm vindo há muito a ter intervenção nessas áreas, embora sem a justa cobertura mediática. Para aqueles outros que hoje engrossam, com seriedade, as fileiras deste combate é bom destacar que, por maiores disfarces que envergarem, aos comandos do inimigo está o modo de produção e a lógica capitalista dominantes. Além de lutar contra as consequências da degradação ambiental torna-se necessário o ataque às causas, caso contrário persistirão sempre, com as velhas ou novas roupagens, a depredação dos recursos, o desperdício, o consumismo sem regras, a extinção das espécies, o esgotamento da água potável ou dos solos, a poluição multiforme e as emissões de gases com efeito de estufa, juntamente com as guerras e a exploração humana.

O Capitalismo Não é Verde! E esta verdade, para ter consequências, também deve ser afirmada nas urnas no próximo dia 6 de outubro...



J. Chrys Chrystello*

Carta de amor ao Pico

Com os aborígenes australianos compreendi que é possível preservar a nossa língua e cultura mesmo sem ter uma escrita por mais de 50 mil anos, com os chineses descobri o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, com os timorenses, macaenses e tantos outros aprendi outras partilhas de saber que ainda hoje fazem parte do meu quotidiano.

Como se pode optar por ficar aqui nestas ilhas e descurar todos os mundos que existem para lá deste arquipélago? É simples, uma pessoa fica ilhanizada como Almeida Firmino em *A Narcose*, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano.

Foi preciso eu descer à Praia da Viola na Lomba da Maia onde vivo, subir ao Monte Escuro e aos sempiternos verdes montes micaelenses, ver as vacas alpinistas e o mar que nos rodeia para entender a açorianidade que nos leva a escrever. Depois, é preciso viajar entre estas nove filhas de Zeus e entender os maroiços do Pico ao sabor do seu Verdelho, calcorrear o Barreiro da Faneca, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim e meditar em frente ao ilhéu do Topo.

É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome dos baleiros, reler o Mau Tempo no Canal, parar num qualquer aeroporto e entender o Passageiro em Trânsito do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do Fogo Oculto de Vasco Pereira da Costa, Viajar com as Sombras ou com o Tango nos Pátios do Sul de Eduardo Bettencourt Pinto, depois de visitar as pedras arruinadas do Pastor das Casas Mortas ou a Grande Ilha Fechada de Daniel de Sá. Escolhi estes que melhor conheço, mas há muitos autores que não só merecem ser lidos, como deveriam constar obrigatoriamente de qualquer currículo de ensino. Aqui no Pico há nomes incontornáveis neste arquipélago da escrita, (cito por ordem alfabética os mais destacados): Almeida Firmino, Dias Melo, Ermelindo Ávila, Fernando Melo, José Enes, Judite Jorge, Lacerda Machado, Manuel Ferreira Duarte, Martins Garcia, Pe. Nunes da Rosa, Rodrigo Guerra, Urbano Bettencourt,

Tivesse eu fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino.

Não sendo das Bermudas este triângulo isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pouso final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena, de seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos picos vocês habitam.

Aqui, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasmo e arrebatava. Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um íman que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo.

Quero salientar que é uma honra estar aqui nesta ilha, feita de gente que ao longo dos séculos sempre soube arcar com todas as dificuldades e domar a lava com ferros e marrões, e amontoarem a pedra em “maroiços”, monumentos num rendilhado de jarões, travessas e bocainas. tarefa hercúlea como tantas outras que as gentes do Pico emprenderam ao longo de cinco séculos de colonização da agreste ilha, sem esquecer a luta titânica que nos seus pequenos botes travaram durante um século contra a baleia e ora descobrem novas formas de vida.

Duma das vezes que aqui estive, em pleno centro de São Miguel Archanjo, ao andar rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho. Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de “pedir emprestada” a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não se cobrariam bilhetes. Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos. Assim me despedi da ilha prometendo voltar com mais tempo.

Termino dizendo que esta é a magia da vossa ilha que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício n.º 297713 [MEEA/AJA, Australian Journalists' Association] CPAU3804